

Contribuições ao *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, de Antônio Geraldo da Cunha

Messias dos Santos Santana*

Resumo: A Lexicografia contemporânea reúne um conjunto de conhecimentos que possibilitam ao lexicógrafo organizar o seu dicionário não exatamente como ele quer, mas segundo critérios que antes ele deve definir quais são. Dessa forma, a partir da análise do *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, de Cunha (2007), este artigo visa a identificar os critérios empregados por esse autor na organização da estrutura de seu dicionário, bem como se os critérios estabelecidos são seguidos por ele ao longo do dicionário. Para fundamentar esta pesquisa, utilizar-se-ão como referenciais autores como Dapena (2002), Houaiss & Villar (2002), Faria (1985) e Santana (2009). Ao final, este artigo possibilitará um melhor conhecimento da estrutura do dicionário em estudo, contribuindo, assim, para o desenvolvimento da lexicografia etimológica no Brasil.

Palavras-chave: Dicionário; Macroestrutura; Microestrutura; Entrada; Etimologia.

Abstract: The Contemporary Lexicography congregates a set of knowledge that makes possible to the lexicographer to organize one's dictionary not exactly as he/she wants, but according to criteria that he/she must define in advance. From the analysis of the Etymologic Dictionary of Portuguese Language by Cunha (2007), this article aims at identifying the criteria used by that author in the organization of the structure of his dictionary, as well as if the established criteria are followed throughout the dictionary. This research is based on authors as Dapena (2002), Houaiss & Villar (2002), Faria (1985) and Santana (2009). At the end, this article will make it possible a better knowledge of the dictionary structure in use, contributing for the development of the etymological lexicography in Brazil.

Keywords: Dictionary; Macrostructure; Microstructure; Entry; Etymology.

1 Introdução

A consulta a um dicionário para tirar dúvidas quanto à grafia de uma palavra e quanto à significação que determinada palavra possui são atos muito frequentes no nosso dia-a-dia. Nesses momentos, no entanto, pouco atentamos para a estrutura do dicionário consultado, o que nos faz pensar que todo dicionário possui as mesmas características ou são utilizados para a mesma finalidade. Assim, criamos a imagem de que um dicionário é um conjunto de palavras com a sua(s) respectiva(s) significação.

Longe de ser apenas uma lista de palavras de uma língua com seus respectivos significados, o dicionário é construído a partir de conceitos bem definidos existentes em

* Mestre em Letras – Área de Concentração Estudos de Linguagem – UFPI; professor da Universidade Estadual do Piauí – UESPI.

Lexicologia e Lexicografia, que ajudam o lexicógrafo na estruturação de seu dicionário. Desse modo, em Houaiss e Villar (2002), é possível encontrar-se uma boa caracterização do que seja dicionário, conforme abaixo:

Compilação completa ou parcial das unidades léxicas de uma língua (palavras, locuções, afixos etc.) ou de certas categorias específicas suas, organizadas numa ordem convencional, ger. alfabética, e que fornece, além das definições, informações sobre sinônimos, antônimos, ortografia, pronúncia, classe gramatical, etimologia etc. ou, pelo menos, alguns destes elementos [A tipologia dos dicionários é bastante variada; os mais correntes são aqueles em que os sentidos das palavras de uma língua ou dialeto são dados em outra língua (ou em mais de uma) e aqueles em que as palavras de uma língua são definidas por meio da mesma língua.]

Analisando-se a citação acima, podem ser destacadas duas informações que, respectivamente, caracterizam: a) a maneira como se estrutura o dicionário, quando os autores dizem que as unidades léxicas que o compõem vêm “*organizadas numa certa ordem convencional, ger.[almente] alfabética*” (destaque meu); b) os tipos de dicionário: o dicionário pode conter “*informações sobre sinônimos, antônimos, ortografia, pronúncia, classe gramatical, etimologia etc. ou, pelo menos, alguns destes elementos [A tipologia dos dicionários é bastante variada; os mais correntes são aqueles em que os sentidos das palavras de uma língua ou dialeto são dados em outra língua (ou em mais de uma) e aqueles em que as palavras de uma língua são definidas por meio da mesma língua.]*” (destaque meu).

Considerando essas informações, é possível afirmar que o dicionário nem sempre tem as suas palavras dispostas alfabeticamente, bem como nem todos os dicionários contêm as mesmas informações, não sendo, pois, todos do mesmo tipo. Então: Como se organizam os dicionários? Quais os seus tipos? Esses são questionamentos importantes no trabalho lexicográfico e que, na sequência, serão discutidos com mais detalhes para que seja possível uma análise mais criteriosa do dicionário aqui estudado.

2 A organização da estrutura do dicionário e os tipos de dicionário

Um dos “objetos” mais comuns nas casas das pessoas, pela utilidade que possui, um dicionário já pronto para consulta, nem de longe faz o consulente imaginar o trabalho existente por trás daquele livro que ele tem em mãos, pela simplicidade e facilidade com que se apresenta no momento de ser consultado.

Tal fato faz com que, embora quase todas as pessoas já tenham visto um dicionário ou já tenham consultado um, poucas sejam as que sabem como ele se estrutura e que a maneira como se encontra organizado está diretamente relacionada com a sua classificação. Daí, ser importante, sobretudo para quem estuda dicionários, saber que

Todo diccionario se halla construido y organizado en torno a dos ejos fundamentales: una *macroestructura*, constituida por todas sus entradas dispuestas de acuerdo con un determinado criterio ordenador, junto a una *microestructura* o conjunto de informaciones – también dispuestas de acuerdo con un determinado patrón o patrones – que se ofrecen dentro del artículo lexicográfico. (DAPENA, 2002, p. 75).

A estrutura do dicionário, portanto, é composta de uma macroestrutura e de uma microestrutura. Uma palavra-chave nessa caracterização acerca da estrutura do dicionário é a palavra *entrada*, pois se percebe, conforme a citação acima, que o conjunto das entradas é que constitui a macroestrutura e que é a entrada e as informações que se apresentam sobre ela que constituem a microestrutura.

Mas o que é *entrada*? Como elas são organizadas? Que critério levar em consideração no momento de organizá-la? Neste artigo, entender-se-á entrada como a palavra que inicia o verbete de um dicionário e a respeito da qual são apresentadas algumas informações (cf. DAPENA, *op. cit.*, p. 136). Quanto à organização das entradas, uma importante caracterização é apresentada por Dapena (*op. cit.*, p.71), quando diz que “la ordenación a que se hallan sometidas las entradas de un diccionario [...] es arbitraria y convencional, y responde siempre a unas necesidades de tipo practico”.

Não obstante ser arbitrária e convencional, é possível afirmar que

La ordenación más frecuente de los diccionarios es la alfabetica; pero, a su lado, existen otras, que generalmente se dan en combinación com esta ultima, tales como a ideológica o analógica, por familias etimológicas o morfológicas y la estadística, a las que podemos añadir [...] la estructural (DAPENA, *op. cit.*, p.71).

Conclui-se, portanto, que a ordenação das palavras em um dicionário dá-se em conformidade com o interesse de seu autor, não havendo, pois, uma maneira obrigatória de ordená-las, ou seja, o lexicógrafo ordena as palavras de acordo com os critérios que ele define, atendendo ao que lhe convém, conforme a sua proposta de trabalho e a finalidade de seu dicionário, podendo os dicionários ser classificados, na respectividade dos critérios apresentados na citação anterior, em dicionários “alfabéticos, ideológicos o analógicos, de famílias etimológicas, estadísticos o de frecuencia, estructurales y mixtos”. (DAPENA, *op. cit.*, p.71).

3 Da organização das entradas do *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, de Antônio Geraldo da Cunha: os critérios

Quando iniciamos a leitura do *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* (CUNHA, 2007) – doravante DELP –, é perceptível a preocupação de seu autor em expor os critérios que foram utilizados na estruturação de seu dicionário. No trecho a seguir, por exemplo, ele declara:

Com o propósito de facilitar ao consulente o manuseio do *Dicionário* (destaque do autor), julgamos oportuno adotar, também, a ordenação alfabética, que é a mais normal e a mais comum em obras deste gênero. Convém notar, porém, que certos verbetes mereceram tratamentos diferenciados, em face das suas características peculiares e, principalmente, em razão das vantagens que adviriam *da reunião em um só verbete dos derivados, compostos e cognatos do vocábulo que intitula o verbete, para melhor compreensão das origens e da história de cada um desses vocábulos*. (p. XI, grifo nosso).

Percebe-se, portanto, nessa explicação de Cunha, que a distribuição das entradas de seu dicionário será feita considerando o critério da ordem alfabética, mas não somente ele: outro critério também será empregado. Mas qual? No trecho acima não fica bem claro qual é esse critério; tudo, no entanto, fica mais claro, com a análise do trecho que segue, a partir da qual se pode afirmar que Cunha também adotará o critério etimológico na estruturação dos verbetes de seu dicionário:

Para melhor elucidar o consulente no tocante às íntimas correlações etimológicas entre vocábulos de mesma origem remota (destaque nosso) e, mais particularmente, com o objetivo de economizar o

espaço físico do *Dicionário* (destaque do autor), propiciando assim um melhor aproveitamento da matéria e a conseqüente inclusão de um maior número de vocábulos, *reuniram-se num único verbete, como já mencionamos anteriormente, os principais derivados, compostos e cognatos do vocábulo em epígrafe.* (p.XIX, grifo nosso).

Considerando-se, portanto, as duas citações acima retiradas do DELP, fica nítida a preferência de Cunha por distribuir, ao longo da estrutura de seu dicionário, as palavras alfabeticamente e por famílias etimológicas, sendo que esta última distribuição “consiste en la agrupación en torno a una raíz, étimo o palabra inicial en una derivación, de todos los vocablos emparentados” (DAPENA, *op. cit.*, p.73) e, com isso, ele opta por apresentar as palavras que são cognatas “num único verbete”.

Dessa forma e considerando o que diz Dapena (*op. cit.*, p.71), sobre os tipos de dicionário, conforme acima, pode-se, realmente, classificar o DELP como um dicionário etimológico, ou seja, é um dicionário que contém informações etimológicas sobre palavras da língua portuguesa, as quais estão nele dispostas alfabeticamente, para que o consulente possa melhor manuseá-lo e perceber as relações etimológicas entre elas.

Mas qual será o comportamento de Cunha ao longo da estrutura do DELP? Será que ele realmente distribui as palavras com mesma origem etimológica em um mesmo verbete, como ele propôs na *Introdução* de seu dicionário? A seguir, iniciaremos a análise desse dicionário, buscando responder a estes questionamentos, o que, também, contribuirá para reforçar os argumentos já aqui apresentados.

3.1 Caracterização da estrutura do DELP

Analisando a estrutura do DELP, podemos perceber que há palavras que estão empregadas como entradas dispostas alfabeticamente e encontram-se, ainda, compondo a estrutura de verbetes, palavras que mantêm entre si uma relação etimológica comum, como bem ilustra o verbete a seguir:

Cognato *adj. sm.* ‘cognado’ (Gram.) diz-se de, ou voc. que tem raiz comum com outro(s) XVI. Do lat. *cognātus* // **cognação** *sf.* ‘no direito romano, parentesco consanguíneo pelo lado das mulheres’ ‘descendência, parentesco’ ‘relação ou analogia entre vocs. cognatos’ XVII. Do lat. *cognātīō –ōnis* // **cognado** *adj. sm.* ‘diz-se de, ou parente por cognação’ 1844. Do lat. *cognātus* // **cognático** 1844. (CUNHA, *op. cit.*, p. 193).

Observa-se, portanto, que o verbete que tem como entrada a palavra *cognato* apresenta outras palavras que, com ela, são etimologicamente comuns, tais como *cognação*, *cognado* e *cognático*. Este verbete é, pois, bem elucidativo quanto à observância por Cunha dos critérios que ele apresentara na *Introdução* de seu dicionário, com relação à disposição e à estruturação dos verbetes que o compõem¹.

Note-se, ainda, que a identificação de palavras que são etimologicamente relacionadas, nem sempre (ou quase nunca) constitui uma tarefa fácil para o pesquisador, em especial para o lexicógrafo etimológico, pois é necessário que ele tenha conhecimentos acerca da história da língua que está sendo estudada, bem como de conceitos importantes dentro da teoria sobre a mudança lingüística. Um desses conceitos é o conceito lingüístico de *raiz*, concebida aqui como “[...] a base fonético-semântico-cultural das palavras, morfológicamente indivisível, foneticamente variável e semanticamente aberta”. (OLIVEIRA, 2002, p.112). Em outras palavras, pode-se dizer que a raiz é uma estrutura lingüística que pode sofrer alterações fonéticas ao longo do tempo, bem como incorporar ao seu significado primário novas significações.

É esse conceito, pois, que permite Cunha (*op. cit.*, p.276) organizar as palavras abaixo no mesmo verbete:

dominar vb. ‘ter autoridade ou poder sobre’ ‘conter, reprimir’ ‘ser ou estar sobranceiro’ XVI. Do lat. **dōmīnāre*, por *dōmīnāri* // **CONDomínio** 1899. Do fr. *condominium*, deriv. do ing. *condominium* e, este, do lat. med. *condōmīnium* // **CONDômino** XX. Do lat. med. *condōmīnus* // **dom¹** sm. ‘termo de cortesia correspondente a senhor’ XIII. Do lat. *dōmīnus* ‘senhor, dono’ // **dominAÇÃO** / *dominatiões* pl. XIII., *-naciones* pl. XV // Do lat. *dōmīnātio* –*ōnis* // **dominADO** 1813 // **dominADOR** XVII. Do lat. *dōmīnātor* –*oris* // **dominÂNCIA** XX. Provavelmente do fr. *dominance* // **dominANTE** 1813. Do lat. *dōmīnans* –*antis*, part. pres. de **dōmīnāre*, por **dōmīnāri* // **dominGAL** XIV // **domingo** ‘primeiro dia da semana, destinado ao descanso e, principalmente, na sua origem, dedicado a atividades de oração ao senhor’ / XIII, *dominga* f. XIII / Do lat. (*dies*) *dōmīnicus* ‘dia do senhor’, que Constantino propôs, em substituição à expressão (*dies*)*solis* ‘dia do sol’, calcado na expres. Gr. *kyriakē* (*hēméra*) ‘dia do senhor’; compare al. *Sonntag* ‘dia do sol’ e ing. *sunday* ‘dia do sol’ // **dominguEIRO** XVIII // **dominical** 1813. Do lat. tardio *dōmīnicālis* // **domínio** XV. Do lat. *dōmīnium* –*ii* // **don** sf. ‘proprietária’ ‘mulher, esposa’ XIII. Do lat. *dōmīna* // **donINHA** sf. ‘mamífero da família dos mustelídeos’ XVI. Dim. de *don*, por afetividade. No port.

¹ Note-se que, à exceção da palavra *cognato*, que constitui a entrada do verbete, as demais palavras que são apresentadas na sequência aparecem em ordem alfabética.

med. ocorria, também, o dim. *doneza*, no séc. XIII // **dono** ‘senhor, proprietário’ XIII. Do lat. *dōmīnus* // **donOSO** XVIII // **donzel** *adj. sm.* ‘puro, ingênuo’ ‘na Idade Média, o moço que ainda não era armado cavaleiro’ XIII. Do prov. *donzel*, deriv. do lat. tard. *dōmīnĭcĕllus*, dim. de *dōmīnus* // **donzela** *sf.* ‘orig. mulher moça nobre’ ‘atualmente, mulher virgem’ XIII. Do prov. *donzela*, do lat. tard. *dōmīnĕlla*, dimin. de *dōmīna*.

Em todas as palavras que constituem o verbete acima, identifica-se a raiz *dom-*, ficando ela mais evidente quando se analisam as palavras latinas das quais foram originadas. Em outras palavras, é na diacronia que a raiz se manifesta de modo mais explícito, ao passo que na sincronia ela pode-se apresentar sob outras formas, que podem ser chamadas de radicais, tais como *dom-*, *domin-*, *condomin-*, *doming-*, *dominic-*, *don-*, *donz-*, encontrados nas palavras que constituem o verbete acima apresentado.

Desse modo, vê-se que uma distribuição das microestruturas com base, apenas, no radical da palavra daria origem a vários verbetes para as palavras acima e, por consequência, deixaria de relacionar várias palavras que possuem entre si uma origem comum, assim como perderia a relação de significado comum existente entre todas as palavras que compõem esse verbete.

Se os verbetes acima são significativos para exemplificar o seguimento da proposta de trabalho apresentada por Cunha na *Introdução* de seu dicionário, conforme aqui já se discutiu, o que acarreta a existência de palavras etimologicamente relacionadas compondo um mesmo verbete, outros exemplos podem ser apontados para demonstrar que Cunha deixa de reconhecer a relação etimológica existente entre várias palavras, como o indicam a distribuição delas em verbetes diferentes. Desse modo, é oportuno questionar: o que pode justificar esse não-reconhecimento das relações etimológicas entre as palavras envolvidas?

A seguir, analisar-se-ão alguns dos exemplos existentes no DELP e tentar-se-á identificar o que teria feito Cunha assim proceder.

3.1.1 Alguns equívocos na organização da estrutura do DELP

A existência de palavras que possuem entre si uma origem etimológica comum compondo verbetes diferentes está em desacordo com o que foi proposto na *Introdução* do DELP. Para demonstrar isso, abaixo serão apresentadas algumas análises, baseadas em Santana (2009), por meio das quais também serão apontados os fatores que impediram o reconhecimento dessa relação etimológica.

Como um primeiro exemplo desse fato, são apresentadas as palavras *espectador* e *espelho*, as quais se encontram dispostas no DELP como a seguir²:

Espectador *sm.* ‘aquele que vê qualquer ato, testemunha’ 1813. Do lat. *spectātor –ōris* [...]. (p.322).

Espelho *sm.* ‘qualquer superfície refletora’ (Ópt.) superfície refletora constituída por uma película metálica depositada sobre um dielétrico polido’ XIII. Do lat. *spēcŭlum –i* [...]. (p.322).

A disposição dessas palavras em verbetes diferentes, sem que nenhuma observação seja feita em contrário, permite concluir que elas estão sendo tratadas como não pertencentes à mesma família etimológica, o que, no entanto, pode ser contestado, uma vez que, conforme está demonstrado em Santana (*op. cit.*, p.21), essas duas palavras possuem em comum a raiz indo-européia **spek-*, que significa ‘olhar com atenção, contemplar, observar’ (HOUAISS & VILLAR, 2002), e que se manifesta nas palavras latinas que deram origem às portuguesas sob a forma *spec-*.

Dessa forma, constatamos que Cunha – mesmo apresentando, entre as informações sobre as palavras que constituem a entrada, os seus étimos – não as reconhece como etimologicamente relacionadas, dispondo cada uma delas como constituintes de um verbete, e não em verbete único conforme foi sua proposta (ver discussão feita em 3).

A busca pelo(s) fator(es) que tenha(m) provocado essa maneira de agir de Cunha, levou-nos, ainda em Santana (*op. cit.*, p. 81-82), a apontar como fatores “causadores” desse não reconhecimento a mudança fonética, pois

[...] enquanto que a palavra *espectador* ainda conserva a raiz intacta, a palavra *espelho* não mais deixa transparecê-la, sendo ela encontrada somente em uma abordagem que contemple a mudança fonética, por

² Para proporcionar uma melhor visualização e, conseqüentemente, dar um maior destaque às palavras que serão analisadas, elas serão apresentadas sempre como se fossem citações maiores que três linhas, independentemente do tamanho que tenham.

meio da qual se demonstrará que o *lh* /*λ*/ é resultado da palatalização do *-c-* /*k*/, da raiz *spec-*, com *-ul-* /*u*/ e /*l*/, do sufixo diminutivo latino *-ulum* (*speculum* > *speclu* > *spello* > *spelho* > *espelho*) (p.82).

Outro fator que pode ter contribuído para o não-reconhecimento dessas duas palavras como provenientes de uma mesma raiz é a mudança semântica pelas quais elas passaram:

Além da mudança fonética, também contribui para o não reconhecimento dessas duas palavras como cognatas a desconsideração da mudança semântica, com o auxílio da qual se poderá demonstrar que, além da raiz, têm essas duas palavras, também, uma significação comum, que envolve o 'ato de ver algo'. Assim, tem-se o *espectador* como sendo 'aquele que ver (sic), que presencia algo' e o *espelho* como 'algo por meio do qual se pode ver alguma coisa'. (p. 82).

Também se encontram estruturadas, no DELP, como se não constituíssem palavras cognatas, as palavras *amar*, *amigo* e *amor*, a respeito das quais o DELP traz as seguintes informações:

Amar *vb.* 'querer bem, gostar' XIII. Do lat. *amāre* [...]. (p.37).
Amigo *adj. sm.* 'companheiro, colega' XIII. Do lat. *amīcus* [...]. (p.40).
Amor *sm.* 'afeição, carinho, simpatia' XIII. Do lat. *amōrem* [...]. (p.41).

Ora, se considerarmos as notas introdutórias existentes no DELP e já aqui comentadas, teremos que afirmar que, da maneira como se encontram distribuídas, essas palavras não estão sendo consideradas como da mesma família etimológica.

Para explicar essa afirmação, é importante que, inicialmente, demonstremos que essas palavras, num plano sincrônico, apresentam-se visualmente semelhantes, possuindo, em comum, a estrutura *am-*; semanticamente, por sua vez, dependendo de quem as analisa – o que não se torna um critério seguro, pois passa a depender da consciência do falante – podem ou não ser consideradas como palavras etimologicamente relacionada entre si.

Essa análise permite, portanto, afirmarmos que uma abordagem sincrônica não possibilita uma conclusão segura acerca da relação etimológica entre essas duas palavras. Por isso, apresentamos, em Santana (*op. cit.*, p.91), uma proposta que parte de

uma análise diacrônica dessas três palavras. Então, propusemos que classificaríamos, com segurança, essas palavras como possuindo uma origem etimológica comum

Partindo da raiz indo-européia *am-*, comum a essas palavras, a qual, segundo Houaiss & Villar (2002), significa ‘amar, querer bem, ter afeição’, chegar-se-á à palavra *amor*, do latim *amōr -ōris* ‘amizade, afeição, amor’ (cf. FARIA, *op. cit.* [1985], p.46). Observe só a proximidade entre os significados da raiz, da palavra latina e da palavra portuguesa. Essa mesma raiz pode ser encontrada no verbo português *amar*, proveniente do latim *amāre* ‘amar, querer bem, estimar, gostar de’ (cf., *ibid.*, *loc. cit.*) e na palavra *amigo*, do latim *amīcus -i* ‘que ama, que é amigo’ (cf. SARAIVA, *op. cit.* [2000], p. 68).

A partir dessas discussões, é possível perceber que as palavras acima – mas também todos os outros grupos de palavras analisados nesta seção – quando analisadas numa perspectiva sincrônica, deixam dúvidas quanto à origem, dúvidas essas que, num estudo diacrônico, não mais se fazem presentes, e a classificação delas como etimologicamente relacionadas é feita com uma segurança que não é transmitida pela análise sincrônica.

Outro bom exemplo da importância da abordagem diacrônica na identificação da relação etimológica entre palavras – e da deficiência da abordagem sincrônica – pode ser apontado a partir da análise das palavras *fingir* e *figura*. No DELP, por exemplo, elas se encontram estruturadas como se não possuíssem vínculo etimológico entre si, conforme pode ser visualizado abaixo:

Figura *sf.* ‘forma exterior, aspecto, representação’ / XIII, *fe-* XIII / Do lat. *fīgūra* [...]. (p. 356).

Fingir *vb.* ‘simular, inventar, fantasiar’ / *fynger* XV / Do lat. *fiŋġere* [...]. (p. 358).

Veja-se que uma análise sincrônica dessas duas palavras, tanto nas atuais formas portuguesas quanto nas palavras latinas que lhes deram origem, apontará a existência de consideráveis diferenças entre elas. No entanto, afirmar que essas palavras não estão relacionadas entre si etimologicamente seria um grande equívoco, pois, ao consultarmos Ernout & Meillet (1959, p.235-236), verificaremos que ambas se encontram ligadas à raiz indo-européia **dheig’h* – que deu origem à raiz latina *fing-*, com as variantes *fig-* e *fict-*, cuja significação é ‘modelar (a terra)’.

Assim, uma análise diacrônica da significação do verbo *fiŋġere* (cf. ERNOUT & MEILLET, *op. cit.*, p.235), que possui em sua estrutura a raiz latina *fiŋg-*, revela que esse verbo significou, inicialmente, ‘modelar na argila’ e, em seguida, passa a significar, também, ‘dar forma a qualquer matéria plástica’, ‘esculpir’. Ainda segundo esses autores (*loc. cit.*), esse verbo significou, depois, por extensão, ‘modelar’ (de uma maneira geral, em sentido físico e moral), ‘reproduzir os traços de, representar’, ‘imaginar, inventar’. Observa-se, portanto, que todas essas significações se conjugam com as significações das palavras *fiŋgir* e *fiŋgura*, conforme encontradas no DELP e acima apresentadas.

Depois dessas informações apresentadas, parece não restar dúvida quanto a classificar essas duas palavras como pertencentes à mesma família etimológica, uma vez que são derivadas de uma mesma raiz. Ainda com base no que foi apresentado nas análises acima, é possível apontar as modificações fonéticas pelas quais essas palavras passaram, especialmente o infixo, e as alterações semânticas que sofreram, como as responsáveis pelo não-reconhecimento da relação etimológica existente entre essas duas palavras por Cunha, de acordo com a maneira como elas estão estruturadas no DELP.

4. Conclusões

As discussões que aqui foram apresentadas permitem apontar algumas conclusões importantes acerca da organização da estrutura do DELP, mais especificamente acerca da distribuição das palavras que possuem entre si um vínculo etimológico ao longo de sua estrutura.

Diante da proposta de estruturar as palavras etimologicamente relacionadas entre si em um mesmo verbete, Cunha assim procede na maior parte de seu dicionário, deixando clara a relação etimológica entre as palavras que constituem determinado verbete. Isso, no entanto, não impediu que determinadas palavras fossem organizadas, ao longo da estrutura do DELP, como se não pertencessem à mesma família etimológica, isto é, existem palavras, ao longo da estrutura do DELP, que, mesmo sendo etimologicamente relacionadas, são distribuídas em entradas diferentes, como se não o fossem.

Uma justificativa que pode ser apontada para tal atitude de Cunha é o “[...] fato de ele ter concentrado as suas análises em informações sincrônicas, como, por exemplo, as formas e as significações atuais dessas palavras” (SANTANA, *op. cit.*, p. 81).

Dessa forma, a discussão aqui feita sobre o DELP é importante, sobretudo, para chamar a atenção dos que se dedicam ao estudo da lexicografia, para o aprimoramento desse dicionário no que se refere aos problemas apontados.

Referências bibliográficas

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 3 ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2007.

DAPENA, José-Álvaro Porto. **Manual de técnica lexicográfica**. Madrid: Arco/Libros, 2002.

ERNOUT, Alfred; MEILLET, Antoine. **Dictionnaire étymologique de la langue latine: histoire de mots**. Paris: Klincksieck, 1959.

FARIA, Ernesto. **Dicionário escolar latino-português**. 6 ed. Rio de Janeiro: FAE, 1985.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Sales. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002. CD-ROM.

OLIVEIRA, Josenir Alcântara de. **A produtividade fonético-semântica e cultural da raiz indo-europeia *pel- ‘dobrar’**. 3 v. Tese. USP, São Paulo, 2002.

SANTANA, Messias dos Santos. **Nem tudo que é parece e nem tudo que parece é: mudando a língua, não reconhecendo os cognatos**. Dissertação. UFPI, Teresina, 2009.

SARAIVA, F. R. Santos. **Novíssimo dicionário latino-português: etimológico, prosódico, histórico, geográfico, mitológico, biográfico, etc.** 11 ed. Rio de Janeiro: Garnier, 2000.